

A Transição Demográfica Como Processo Histórico e Social da Reprodução da População

Thierry Linard de Guertechin

Os estudos de população abordam muitos campos da ciência e da vida concreta dos indivíduos e das sociedades. Os eventos demográficos relacionam-se a indivíduos que vivem em sociedades. Tais eventos inserem-se numa história pessoal e social. Do nascimento à morte o indivíduo passa por uma série mais ou menos longa ou mais ou menos curta de eventos que afetam à sua vida e à do outro. A vida e a morte dos indivíduos compõem a história das populações constitutiva da formação das sociedades. As estruturas sociais e a mudança social inerente à reprodução da sociedade refletem-se sobre os eventos demográficos, sobre as histórias pessoais e sociais das populações. O conhecimento desta interrelação no correr do tempo é essencial para compreender as estratégias de reprodução populacional, vividas na história pessoal e social das populações. Trata-se

(*) Comunicação enviada ao seminário da *CHAIRE QUETELET 1981*, organizado pelo Departamento de Demografia da Universidade Católica de Lovaina, nos dias 6, 7 e 8 de maio de 1981, subordinado ao tema: "População e estruturas sociais".

de fato de uma reflexão em dois níveis: uma "construção" (BOURDIEU, 1973) da observação dos fatos de população que não se limite à sua realidade aritmética, e uma metodologia que acione o elo histórico que liga as dinâmicas de população às estruturas sociais.

Nosso estudo pretende salientar a importância das estruturas sociais e históricas para compreender as estratégias de reprodução populacional e seu impacto sobre o conjunto da sociedade, impacto este que se manifesta nas políticas populacionais explícitas ou implícitas.

1. *Reprodução populacional e os estudos populacionais*

Confrontada à nossa introdução, a definição "clássica" da demografia acentua o ponto de vista quase exclusivo do caráter quantitativo da ciência demográfica. "A demografia é uma ciência que tem por objeto o estudo das populações humanas e que trata de sua dimensão, de sua estrutura, de sua evolução e de seus caracteres gerais considerados principalmente de um ponto de vista quantitativo" (Dictionnaire Démographique Multilingue, 1958). Esta definição oferece um duplo inconveniente: primeiro por não precisar e limitar aquilo que pode ser quantificado e segundo por reduzir a demografia a uma ciência abstrata, a uma ciência do número sem considerar a particularidade histórica e social das populações em questão. Uma criança nascida no Nordeste brasileiro pode esperar viver 45 anos enquanto que o mesmo brasileiro que nasce no Sul pode esperar viver 60. Resultariam estes 15 anos de diferença apenas de um cálculo? A insatisfação da definição levou os demógrafos a distinguirem a *análise demográfica* e os *estudos populacionais*.

1.1. A *análise demográfica* é o estudo dos movimentos populacionais centrado em uma área determinada. Trata-se de uma análise estatística específica dos fatos de população que tem sua própria lógica e coerência internas, mas que em nenhum caso pode constituir a finalidade última da pesquisa em demografia. (PRESSAT, 1973) A "demografia pura", como diz SAUVY, tem sua razão de ser e salienta as estruturas e suas propensões. (GERARD, WUNSCH, 1973) A análise demográfica é uma etapa necessária mas insuficiente para compreender a dinâmica populacional e sua significação social. A passagem da *análise demográfica* aos *estudos populacionais* é delicada, pois não pode tratar-se de uma simples extrapolação metodológica. Trata-se de uma mudança de perspectiva que implica uma metodologia apropriada.

1.2. Os *estudos populacionais* não se referem somente às variáveis demográficas, mas às relações entre a evolução da população e outras variáveis: econômicas, sociais, políticas, culturais, etc... Assim o campo de estudo da demografia alarga-se consideravelmente, mas cabe questionar em que medida existe uma teoria demográfica capaz de integrar na unidade de um discurso a panóplia das variáveis tomadas em conta. Falar-se-á globalmente das causas e conseqüências dos diversos fenômenos da população. Mas como conceber a articulação entre as variáveis demográficas e as outras? Ao nível metodológico, uma teoria ligando variáveis independentes e dependentes seria adequada para explicar fenômenos populacionais? Supondo-se que ela seja, permanece o problema do estatuto teórico do discurso demográfico. É grande a tentação de reduzir a questão da teoria demográfica a uma questão de metodologia teórica e prática. Norman Ryder, por exemplo, propôs definir a demografia considerando ao invés do *objeto* o *modo* de estudar a população, de descrever a mudança demográfica dando ênfase aos elementos de estruturas que persistem no tempo. Esta perspectiva não resolve o problema da teoria demográfica, mesmo que valorize as estruturas demográficas e sociais. O problema é a elaboração de um discurso científico que, articulando os fenômenos de população aos fenômenos de sociedade, possa evidenciar a realidade social das populações. Em uma teoria social de população aquilo que está em jogo fundamentalmente é "explicitar o específico feitio temporal da população e suas necessárias relações com as sociedades" (CAMARGO, 1980). Para BERELSON (1974) o problema da população é percebido em diferentes termos (de natureza diferente) segundo o grau de desenvolvimento do país.

2. *Dinâmica de população diferencial segundo os países desenvolvidos e em desenvolvimento*

Nosso propósito é demonstrar o quanto é difícil a explicação da diferença do crescimento demográfico segundo os países desenvolvidos ou em desenvolvimento. A associação "país rico – crescimento demográfico fraco" e "país pobre – crescimento demográfico forte" é evidente mas fica superficial e torna-se ilusória na medida em que tira conclusões apressadas sobre as estratégias de reprodução populacional.

2.1. A análise demográfica dos países em desenvolvimento nasceu dentro de um contexto sócio-político que não deixa de exercer uma influência sobre o demógrafo. O conhecimento dos fatos populacio-

nais foi e ainda é orientado implicitamente pela necessidade de limitar o crescimento demográfico em benefício de um maior crescimento econômico, colocado como condição de desenvolvimento. Como pode ser verificado em numerosas publicações de A. J. COALE e HOOVER, e, com relação ao Brasil, nas obras e artigos de M. SIMONSEN, J. STYCOS, GLYCON de PAIVA, R. VAZ da COSTA, estas análises de demo-economia gozam de um certo prestígio na medida em que apresentam uma objetividade matemática que tem sua própria lógica e coerência. A questão consiste em avaliar a pertinência dessas análises demo-econômicas e examinar sua veracidade concreta. O debate científico sobre o valor intrínseco deste tipo de análise está longe de se encerrar e a sua pertinência histórica permanece problemática forçosamente. A fim de abranger ao mesmo tempo a evolução da dinâmica populacional e a modernização das sociedades humanas, retoma-se com encargo a teoria da "transição demográfica" como princípio de organização da evolução dos índices demográficos e sócio-econômicos. (BEAVER, 1975)

2.2. A teoria da transição demográfica oferece a vantagem de orientar as pesquisas em torno de um quadro de referência. O problema consiste em delimitar tal quadro de referências para poder elaborar um modelo de interpretação dos fatos demográficos e sociais que seja coerente. Praticamente todos os autores admitem a necessidade de vincular o processo de transição demográfica ao processo de modernização das sociedades (progresso econômico, mudança social e cultural). Mesmo sem sustentar a tese segundo a qual a transição demográfica dos países em desenvolvimento, a maioria dos autores admite que cedo ou tarde a mortalidade e a fecundidade populacionais dos países em desenvolvimento deverão chegar a um novo equilíbrio. As divergências surgem assim que se passe à análise e interpretação do processo da transição. Como opera e como irá se realizar? Esta questão não se restringe a um nível acadêmico; ela repercute ao nível das políticas demográficas explícitas ou implícitas que afetam as populações e as sociedades.

2.2.1. O pensamento econômico neo-malthusiano considera que o crescimento demográfico é responsável pelo subdesenvolvimento. A referência aos países desenvolvidos com baixo crescimento demográfico é, neste caso, o modelo ideal a seguir. Historicamente, o crescimento populacional foi considerado um fator positivo na vida econômica dos países hoje em dia desenvolvidos e de fato revelou-se como tal quando de sua fase de industrialização e modernização. Os neo-malthusianos assimilam de uma maneira a-histórica o subdesen-

volvimento de hoje à situação sócio-econômica da Europa pré-industrial. É bom situar histórica e socialmente as teorias econômicas do tipo malthusiano. Estas nasceram, em países desenvolvidos, no final do percurso da transição demográfica, quer dizer após a modernização do conjunto da sociedade. Muitos economistas raciocinam deste modo em termos de crescimento da renda per capita o que não implica em nada uma mudança das estruturas sociais. Opor-se crescimento econômico a crescimento demográfico é um falso dilema. É fazer abstração da história das sociedades em via de desenvolvimento. A análise da formação histórica das sociedades que se debatem com o problema do desenvolvimento é essencial para bem colocar o problema demográfico e compreender as estratégias de reprodução.

2.2.2. A teoria sociológica da mudança social expressa na literatura anglo-saxônica (BEAVER, 1975) engloba uma teoria da transição demográfica. A originalidade desta teoria consiste em estabelecer uma relação entre a mudança demográfica e a mudança social. Esta teoria sócio-demográfica toma em conta as estruturas sociais e os comportamentos demográficos. A modernização da sociedade expressa-se num conjunto de sub-sistemas econômico, social, psicológico e cultural. Esta teoria atingiu um nível operacional pela ênfase dada às variáveis intermediárias ou cruciais que vinculam os comportamentos demográficos ao(s) modelo(s) cultural(is). Mas esta corrente teórica não faz da história um elemento essencial à cuja volta as práticas sociais e culturais possam engendrar e elaborar modelos alternativos. A análise do processo histórico das sociedades que se debatem com o problema do desenvolvimento é fundamental para compreender as estratégias de reprodução populacional. A passagem do estado de subdesenvolvimento ao desenvolvimento implica uma transformação estrutural das sociedades em seguimento a um processo histórico.

3. *Dinâmica histórica das estruturas sociais e estratégias de reprodução populacional nos países em desenvolvimento*

A evolução populacional não pode ser compreendida sem referir-se à história das sociedades dos países em desenvolvimento e sem evidenciar-se a mediação do sócio-político exercida sobre essas populações. Em outras palavras, a análise dos fatos populacionais insere-se na problemática histórica do desenvolvimento das sociedades que tenham estruturas sócio-políticas antagônicas. "Isso nos leva a uma tomada de consciência progressiva do peso dos fatores coletivos e de suas

diversas dimensões. Este procedimento evidenciará a motricidade própria do cultural, sem contudo separá-lo do social e de seus aspectos econômicos e políticos." (REMY, VOYE, SERVAIS, 1978) Em outras palavras, recorrer ao processo histórico e social da reprodução da população é enfatizar a realidade histórica e social vivida pelas populações, "objetos" dos estudos populacionais. Trata-se de integrar em um mesmo discurso os níveis individual e coletivo dos fenômenos populacionais para que os homens e as mulheres que constituem as populações das sociedades sejam "sujeitos" imediatos de sua história política, econômica e demográfica. Um estudo de população em uma sociedade não pode fazer abstração dos diferentes atores que aí se manifestam. Nos países em desenvolvimento, as elites e as massas populares se confrontam enquanto atores sociais, isto é, sujeitos de sua história política e de sua reprodução. O estudo deste processo social e histórico é a passagem obrigatória para compreender uma prática social que toque as estruturas sócio-políticas da sociedade e para evidenciar uma prática cultural que revele o(s) modelo(s) cultural(s).

3.1 Evolução das estruturas demográfica e sociais dentro de uma história de mentalidades (de civilizações).

A mudança de atitude diante da vida e da morte acompanhou a "revolução demográfica" retomando-se a expressão de LANDRY. Philippe ARIÈS, em sua "Histoire des Populations Françaises", distingue dois tipos de civilização: uma sociedade tradicional (civilização do instinto com equilíbrio natural) e uma sociedade moderna (civilização do objeto nascida da ruptura do equilíbrio tradicional). (ARIÈS, 1971) "Estes tipos de civilização, cuja fórmula demográfica permitiu distinguir com precisão, não se sucedem rigorosamente no tempo. Na época moderna, a civilização do instinto e a do objeto coexistiram numa mesma sociedade por muito tempo — mas em diferentes camadas de população. E esta coexistência de duas concepções opostas de vida ilumina um dos fenômenos mais obscuros de nossa história contemporânea: o confronto de classes menos inimigas que estranhas uma à outra" (idem) Nesta passagem de um tipo de civilização a outro, as estratégias de reprodução, outrora implícitas e diversas, tornam-se objeto de decisões de indivíduos e de classes sociais, baseadas em relações inegalitárias. A burguesia é a classe social dominante que veicula a concepção objetiva da civilização e impõe às classes sociais dominadas sua visão do mundo e sua lógica de reprodução para garantir a reprodução do sistema social.

3.1.1. *Histórico de uma estratégia de reprodução imposta pelas classes dominantes (exemplo brasileiro)*

A maior preocupação dos primeiros europeus foi explorar os recursos naturais, povoar este imenso sub-continente e daí dispor de uma mão-de-obra abundante. A exploração do índio, do escravo africano e finalmente da imigração estrangeira (do fim do sec. XIX a 1930) respondeu aos interesses dos colonizadores e do poder político. A partir de 1930, o fornecimento externo de mão-de-obra foi substituído pelas migrações internas, sustentadas por um rápido crescimento populacional (baixa mortalidade e alta fecundidade) encorajado pelas estratégias sanitárias e sociais dispostas, pelo sistema político, nas regiões onde fazia-se sentir penúria de mão-de-obra. Nos últimos anos, com a crise do "modelo econômico", as classes dominantes e dependentes do exterior procuram diminuir drasticamente o crescimento demográfico das classes exploradas através de uma política explícita e/ou implícita do controle da natalidade. "O insucesso de muitas destas experiências (do controle da fecundidade) decorre da própria estrutura de dominação montada, que envolve como pré-requisito a manutenção de formas ampliadas e transformadas de exploração conforme modelos que implicam alta fecundidade" (CAMARGO, 1980).

3.1.2. *Uma compreensão do crescimento demográfico*

As classes dominantes lutam pela manutenção das estruturas sócio-políticas existentes. Hoje, para a reprodução do sistema social, é preciso que o crescimento demográfico das classes dominadas diminua. Uma excessiva multiplicação das massas populares ameaça a estabilidade do equilíbrio social. O sistema sócio-político estabelecido pelas minorias dirigentes apóia-se sobre uma dominação cultural secular, que torna-se cada vez mais opressiva na medida em que as elites se modernizam e entram na "civilização do objeto". As culturas populares instrumentalizadas e marginalizadas no curso da história são desvalorizadas, provocando a destruição das sociedades tradicionais ou, em outras palavras, criando o subdesenvolvimento destas sociedades marginalizadas.

Uma conscientização das massas populares do problema demográfico como sintoma da crise do sistema econômico, social, político e cultural consiste em uma mudança social de grande valor para romper as relações históricas de dependência aos níveis regional, nacional e internacional.

3.2 O crescimento demográfico é um problema político.

Para as classe dominantes no exercício do poder há apenas uma via para reproduzir o sistema sócio-econômico baseado na desigualdade social: o controle drástico da natalidade. É a única solução para neutralizar as tensões sociais estruturais. "Esta nova tendência da política populacional é colocada como alternativa às transformações econômicas e sociais exigidas pelo desenvolvimento da sociedade brasileira" (idem). A imposição deste tipo de política demográfica revela o pouco valor que as classes dominantes atribuem à vida pessoal, familiar e social das classes dominadas.

Uma outra política demográfica mais vasta que a simples imposição de medidas com tendência a afetar as variáveis demográficas é suscetível de acelerar o processo histórico e social da transição demográfica. Trata-se de promover uma "Política Populacional" termos que englobam mais que os estritos problemas demográficos. Uma "Política Populacional" que acione uma mudança das estruturas econômicas, sociais e políticas atingindo em profundidade os modelos culturais.

3.2.1. Uma valorização da vida individual é indispensável para que uma mudança de mentalidade e de atitude diante da vida e da morte possa se expressar por uma baixa não somente da mortalidade mas também da fecundidade. Esta mudança cultural traduz-se concretamente pela valorização da formação do indivíduo e supõe a existência de um processo de constantes melhorias de condição de vida, aliada a uma sempre maior igualdade de distribuição dessas melhorias. Esse aumento de nível de vida das populações não é realizável na ausência de um processo de desenvolvimento econômico e de condições sociais e políticas específicas.

3.2.2. A substituição de um regime político autoritário pelas estruturas democráticas forma uma condição necessária para que as sociedades de alta fecundidade possam realmente conscientizar-se das vantagens de uma baixa fecundidade. Enquanto não houver participação na própria vida política as sociedades ou classes sociais dominadas não conseguirão tornar-se "sujeitos" políticos de sua história econômica ou demográfica. Hoje, nas sociedades dominadas e destruturadas, organizam-se movimentos populares, que tomam consciência de seu subdesenvolvimento produzido pelas classes dominantes e reivindicam melhores condições de vida e acesso a uma real liberdade de organização política que seja uma garantia de serem social e culturalmente reconhecidos e não mais reduzidos ao estado de "objetos".

Nosso estudo deve ser tomado como uma tentativa da formulação do problema do crescimento demográfico seguindo o processo histórico da formação das sociedades e estratégias de reprodução levando em conta o elo vital e político que liga as dinâmicas das estruturas demográficas às transformações das estruturas econômicas, sociais e culturais. Esta perspectiva derruba a aporia crescimento demográfico — crescimento econômico ao evidenciar as lógicas sócio-culturais antagônicas catalizadas pelo crescimento demográfico. Desnudar tais lógicas antagônicas é denunciar as distinções abusivas, porque sem real significação, entre os países desenvolvidos com baixo crescimento demográfico e os países pobres com alto crescimento demográfico. Reconhecer o confronto, no seio dos países e de regiões, entre as populações diferenciadas por sua posição de classe: as minorias dominantes e as massas dominadas, sendo uma “construção” da realidade sócio-cultural que permite compreender as estratégias de população e propor uma política de população suscetível de abreviar no tempo o processo da transição demográfica pela resolução política das crises vividas pelas sociedades em desenvolvimento. A reprodução da população, com os ritmos que lhe são próprios, permanece entretanto um processo vital que, integrando-se na textura social, não se esgota na formação social. As civilizações morrem, as populações sobrevivem.

BIBLIOGRAFIA

- ARIÉS, Philippe, "Histoire des populations françaises et de leurs attitudes devant la vie depuis le XVIII siècle"
Editions du Seuil, 1971, p. 412, 408.
- BEAVER, Steven E., "Demographic Transition Reinterpreted", D.C. Heath & Co.,
Lexington, 1975 pp. 41 - 60.
- BERELSON, Bernard, "La politique démographique des pays développés" The Population Council, 1974 pp. 1 - 17.
- BOURDIEU, Pierre, "Le métier de sociologue"
Mouton-Bordas,
Paris, 1973
- CAMARGO, Cândido Procópio F. de, "Dinâmica populacional como processo histórico - social" Dinâmica da população.
Ed. Queiroz.
São Paulo, 1980, pp. 13, 303, 310.
- DICTIONNAIRE DÉMOGRAPHIQUE MULTILINGUE, volume français Nations Unies, Études Démographiques n^o 29 ST/SOA/Ser. A/29 New York, 1958.
- GERARD, Hubert et WUNSCH, Guillaume, "Comprendre la démographie" Marabout Université, 1973 pp. 9 - 14.
- PRESSAT, Roland, "L'Analyse démographique"
Presses Universitaires de France, 3ème édition, 1973, pp. 3 - 14.
- REMY, Jean, VOYE, Liliane, SERVAIS, Emile, "Produire ou Reproduire? Tome I - Editions Vie Ouvrière, 1978 p. 11
- RYDER, Norman, "Notes on the context of a population" American Journal of Sociology, vol. LXIX, n^o 5 1964, pp. 447 - 463.